

MBL, crise política e conflitos de classe no Brasil*

de Kiane Follman da Silva

A reemergência da direita reacionária

The Reemergence of the Reactionary Right

por Danilo Peixoto de Miranda**

O livro de Kiane Follmann da Silva é mais um importante trabalho realizado no domínio da ciência política, que busca analisar os desdobramentos políticos da reemergência da direita – mais especificamente em seu caráter ultraliberal e reacionário – no Brasil da segunda década dos anos 2000.

É estridente a onda conservadora que acometeu boa parte do globo, mais especificamente na América Latina e notadamente no Brasil. Após seguidos governos federais progressistas liderados pelo PT, vimos uma mudança direcional, política e ideológica, de 180 graus. Quais os motivos que levaram a essa “guinada à direita”? Quais os atores responsáveis por essa transformação política? Eis algumas das questões que Kiane Silva nos apresenta, bem como suas respectivas possíveis respostas.

Para realizar essa importante e complexa análise, a autora, em um primeiro momento, faz um recuo histórico ao cenário político brasileiro dos assim chamados “governos populistas” do período pré-1964. Esse retorno é importante para demonstrar as semelhanças entre “a União Democrática Nacional fundada

* Curitiba: CRV, 2020. O livro é fruto da dissertação de mestrado de Kiane Follmann da Silva, defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sob a orientação do Prof. Dr. Danilo Enrico Martuscelli.

** Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil. End. Eletrônico: danilo_dk@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8090-5621>

em 1945 e identificada como partido político de direita, conservador”, por um lado, e o MBL que “teve êxito em capturar os descontentamentos de parcelas das classes médias com a política de governo, bem como adotou ideológica e politicamente ideias muito próximas às difundidas pela UDN” (p.23).

Valendo-se de autores consagrados na análise do período, principalmente Décio Saes, mas também Jessé Souza, Sávio Cavalcante, Otávio Dulci, entre outros, Kiane da Silva traça, no primeiro capítulo, um rigoroso panorama da formação política brasileira. Nele transparece o processo evolutivo da ideologia desta classe média, destacando-se os meios de reprodução que lhe são próprios e encontram suas raízes em ideologias como: a meritocracia, a aversão ao trabalho manual, a valorização do trabalho e o medo da proletarização.

A participação política das camadas média sempre se deu de maneira conflitante. A classe média tradicional se apresentava como defensora do liberalismo oligárquico, “que consistia na restrição da participação no processo decisório às massas populares e no entendimento de que somente os homens capacitados poderiam atuar frente às instituições democráticas” (p. 39). Contudo, houve também uma importante vertente –progressista à época – materializada na figura dos tenentes, que desafiavam o *status quo* oligárquico. “O combate à oligarquia dominante era em nome da regeneração da política e construção de um Estado nacional e centralizado, pois esta não observava os princípios da representação e da justiça” (p. 42).

Com a revolução de 1930, estabeleceu-se uma nova fase política no país: a era progressista. A autora nos mostra, por outro lado, a importância decisiva deste período para a construção da mentalidade antipopular e reacionária da classe média. As políticas intervencionistas e de integração popular levadas a efeito pelo governo são dois dos principais motivos pelos quais uma parte das camadas médias começa a temer a perda de seus privilégios históricos.

O antipopulismo consolidou-se com a criação da União Democrática Nacional (UDN) em 7 de abril de 1945. Sob o mote de implementação de um Estado liberal, a UDN atraiu a parte da população que via como ameaça as políticas do Estado populista – a partir daí desenvolvem-se as mais diversas ideologias antipopulistas, com destaque para o anticomunismo, o discurso de combate à corrupção (que aos olhos da classe média era a principal inimiga da meritocracia) e a volta de uma “moralidade política”.

O resgate histórico que a autora faz daquela conjuntura – dos governos populistas - é, portanto, decisiva para uma correta compreensão de “alguns aspectos típicos do comportamento político de segmentos da classe média brasileira e de seu posicionamento conservador e contrário aos governos de inclinação popular” (p. 69).

No segundo capítulo do livro, damos um salto histórico à conjuntura política brasileira que se construiu sob os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff entre os anos de 2003-2016. Como sabemos, esta foi uma época em que vigorou no Brasil – bem como em parte da América Latina – um período de esperança progressista, com altos e baixos, avanços e decepções. A autora se apoia na análise de Armando Boito Jr, segundo a qual “é possível caracterizar a política adotada pelos governos petistas como um ‘desenvolvimentismo possível dentro do modelo capitalista neoliberal periférico’” (p. 74).

Não obstante os limites do programa social liberal implementado por esses governos – um “reformismo fraco”, como lembra a autora ancorada na análise de André Singer – houve significativas melhorias para a classe trabalhadora, e notadamente para os “trabalhadores da massa marginal” – como designa Armando Boito Jr -, ou “ralé”, termo de Jessé Souza. São aquelas pessoas que se beneficiaram mais com os programas de transferência de renda, como o Bolsa Família.

Vemos, por conseguinte, segundo a acurada percepção da autora, o retorno de políticas que favorecem as classes mais populares em detrimento dos privilégios de segmentos superiores das camadas médias. É neste ambiente de, ao mesmo tempo, reformas estruturais tímidas, apoio à burguesia interna e zelo modesto às classes populares que ressurgirá, sob o apoio do capital financeiro e da burguesia brasileira a ele ligado, o ataque reacionário da classe média.

É no terceiro e último capítulo onde a autora apresenta o desfecho de sua análise. Seu foco, agora, é a investigação de, talvez, o mais importante ator ideológico vinculado ao surgimento da direita reacionária: o MBL. O MBL é o mais destacado *think tank* brasileiro no período pré-golpe de 2016. Sob a égide do famigerado discurso liberal, foi dada uma nova roupagem à direita.

A autora investiga de forma rigorosa o surgimento do MBL e suas táticas inovadoras (pelo menos no Brasil) que mesclavam o devido uso da internet, notadamente das redes sociais, e o ataque às políticas progressistas, que trilharam o caminho da nova ideologia “antipopulista”. Por meio de uma investigação empírica deste grupo, nos é mostrado que o MBL foi o principal articulador da direita naquela conjuntura, popularizando bandeiras como o antipetismo, o combate à corrupção e a reivindicação de uma agenda ultraliberal. A autora coletou dados importantes, que demonstram a importância do MBL no golpe de 2016. São notáveis as constantes manifestações online do grupo no que diz respeito à pressão para que a presidenta fosse destituída do cargo, como este trecho transcrito de um vídeo postado no *Youtube* oficial do movimento: “Caros congressistas, o povo brasileiro exige apenas uma coisa: deixem seus interesses de lado e sejam oposição. Impeachment já!” (p. 133).

O alcance que a ideologia do MBL teve em amplos segmentos da classe média foi um importante propulsor do golpe de 2016. Alicerçado em segmentos das camadas médias, o MBL reencarnou o espírito reacionário da direita – sob uma nova imagem eles, competentemente, se saíram vencedores desta batalha. O livro de Kiane da Silva é fundamental como ferramenta de análise para compreendamos este período e, principalmente, lutarmos para a sua superação.